

# Proposta sobre a crítica e a produção artística

Estamos em guerra. Não somos nós, tão pouco afeitos que somos às coisas militares, que o afirmamos. É a Escola Superior de Guerra, que pela voz de um de seus mais brilhantes porta-vozes — o general Golbery — nos presta esta informação: "De guerra estritamente militar, passamos, assim à guerra total, tanto econômica e financeira e política e psicológica e científica como guerra de exércitos, esquadras e aviações; de guerra total a guerra global; e permanente." Acuados e desarmados numa guerra que de repente sabemos estourada há muito, que é que podemos fazer com a palavra escrita? Talvez o fundamental seja admitir a situação: Estamos em guerra. Mais do que isso, vivemos numa nação ocupada. O inimigo tem pé firme em todos os pontos-chave da nação. Insidioso quer inverter a situação. Dominando e manipulando os meios de comunicação de massa, faz-se passar por amigo do povo. Controlando as fontes de difusão de cultura, quer nos impingir sua ideologia barata como ciência e seus esquemas tradicionais transfigurados em roupagens berrantes como arte.

Tôda ciência, tôda arte, tôda teoria são produtos sociais e como tais, feitos de uma perspectiva de classe. Quando o inimigo, a classe dominante, controla os meios de difusão desde as Universidades à televisão, passando pela imprensa, rádio, atividade editorial, produção e distribuição cinema-

tográfica e sobretudo dispõe do argumento final: a censura, o fato evidente de que as idéias veiculadas servem a alguém, fica encoberto.

Esta guerra vem se travando de maneira cada vez mais óbvia: até alguns anos atrás a ideologia que presidia a formação dos quadros do exército era a da defesa da nação contra os povos exteriores; hoje, o inimigo é a própria população e o treinamento militar se concentra na tática da luta anti-guerrilha.

O que nos interessa especificamente é a produção cultural. Tornemos evidente a cada momento o seu caráter de classe. Patenteemos sempre a função mistificadora da cultura das classes dominantes.

Iremos tão longe quanto acharmos necessário. Não nos cabe a função de autocensores. Que se dê à polícia o que é dela.

"Os intelectuais devem se suicidar enquanto categoria social". Para tal é preciso muito mais do que cantar ou agredir simbolicamente a burguesia. O papel dos intelectuais no processo revolucionário é o de se integrar plenamente nessa luta. "E chega um momento como hoje, em que é necessário aprender da e na luta revolucionária." Como já disse alguém: "Somos todos alunos da Revolução".

"A eficácia política consiste em devorar toda a mitologia deste país e jogar seu violão. E quem joga seu violão pode jogar outras coisas também. Por que não?" Quem diz isso é José Celso Martinez Corrêa, homem de teatro em busca da eficácia política, que julga ter encontrado no estilo Rei da Vela-Roda-Viva.

Para saber que tipo de coisa foi jogada depois do memorável arremesso de Sérgio Ricardo, ouçamos o juiz tropicalista Tinoco Barreto: "Sérgio Ricardo jogou seu violão, que é seu instrumento de trabalho; e eu jogo minha caneta, que é o meu. E conclamo todos os brasileiros a jogarem os seus." E para saber em que tipo de eficácia resultou a antropofagia de José Celso, participemos todos da grande festa tropicalista em que já se irmanaram José Celso, Sérgio Ricardo, Caetano Velloso, Chacrinha, Gil e tantos outros brasileiros mais ou menos bem intencionados. Triste fim para um antropófago: ser devorado pela sociedade de consumo que tanto quis devorar.

Augusto Boal, homem de outro teatro também em busca da eficácia política, julgou tê-la encontrado no estilo Zumbi-Tiradentes. Tornou-se fundador e papa da festividade e renovador do teatro catártico (De pé! De pé! Povo levanta na hora da decisão — e a platéia se levanta em aplausos).

Sabemos muito bem que acabamos de pichar unilateralmente os dois melhores, mais brilhantes e mais responsáveis profissionais do nosso teatro. Mas se assim pichamos, é tentando evidenciar que a própria canoa em que eles embarcaram deve estar furada. E não podemos esquecer que boa parte do teatro universitário embarcou na mesma canoa.

Deixemos a questão apenas levantada e a resposta apenas indicada: "O intelectual deve suicidar-se como categoria social, para renascer como revolucionário."

TUSP